

HISTÓRIA  
DO REI AFRICANO  
E DAS SUAS PROEZAS

25000  
L. 12726<sup>10</sup>V.

R. 145114



COLECCÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO VINTE E DOIS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1941



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1941

So. 12726<sup>10</sup> ✓

## LIVRO VINTE E DOIS

### HISTÓRIA DO REI AFRICANO E DAS SUAS PROEZAS

Tinha morrido Dom João, primeiro rei português d'este nome, e primeiro rei da gloriosa dinastia de Aviz.

Seu filho, Dom Duarte que reinou depois dele, era também já finado.

Muitas e muito grandes coisas tinham acontecido no correr d'estes dois reinados: a batalha de Aljubarrota que livrara a nossa terra dos espanhóis e trouxera a paz; a conquista da rica cidade de Ceuta aos moiros; o martírio e morte do Infante Santo; e o comêço das descobertas das ilhas e da costa de África, obra do grande infante Dom Henrique.

Reinava agora em Portugal Dom Afonso V, filho de el-rei Dom Duarte. Morrera seu pai quando êle ia nos sete anos e, durante muito tempo houve questões e barulhos no reino para se decidir quem havia de governar até à maioridade do príncipe. Queriam uns que fôsse sua mãe, a rainha viúva Dona Leonor, filha do rei de Aragão; outros queriam como regente o infante Dom Pedro, irmão do finado rei Dom Duarte. O príncipe Dom Afonso foi criado no meio destas discussões e brigas. Tinha o génio vivo e arrebatado, e quando por fim subiu ao trono, só pensava em guerras, em combates e em se cobrir de glória acrescentando ao reino de Portugal novas terras como tinham feito seus avós.

Aconteceu que o Papa Calisto III convidou por êsse tempo os reis da cristandade a fazerem uma cruzada para a conquista da Terra Santa aos infiéis. Dom Afonso aceitou logo o convite e começou grandes preparativos para tal empresa. Mas afinal essa guerra santa não se pôde realizar. Dom Afonso, que já tinha vincada no ânimo a idea de uma batalha contra os infiéis, não quis desistir de coisa que tanto lhe agradava; e resolveu aumentar ainda mais o exército que tinha preparado e ir por sua conta guerrear os moiros e conquistar-lhes a cidade de Alcácer-Seguer.

Alcácer-Seguer ficava entre Tânger e Ceuta, separada da Espanha só por três léguas de mar.

Os moiros que já não podiam embarcar em Ceuta desde que esta cidade estava nas mãos dos portugueses, embarcavam agora em Alcácer-Seguer para irem a Espanha juntar-se aos infiéis de Granada e fazerem todo o mal que podiam em terras de cristãos; sem contar o mal que também lhes faziam no mar atacando e roubando os barcos portugueses e espanhóis.

Desde que os portugueses tinham Ceuta em seu poder, Alcácer-Seguer tornara-se uma cidade importante e muito populosa. Ali viviam agora muitos capitães moiros com sua marinhagem, prontos sempre para irem atacar cristãos; e muitos mercadores para o negócio de mercadorias roubadas e também esca-

vos brancos que os moiros traziam das suas expedições; e muitos officiaes de vários officios, sobretudo tecelões, porque aquella cidade era conhecida pelos bons tecidos de linho que lá se faziam.

Apenas el-rei Dom Afonso, tendo reunido o seu Conselho, resolveu ir conquistar a cidade de Alcácer-Seguer, seu tio, o infante Dom Henrique, decidiu-se a ir na sua companhia.

Embarcou el-rei em Setúbal levando consigo seu irmão, o infante Dom Fernando. Dom Henrique esperava-os em Sagres, no Algarve e aí se juntou aos sobrinhos. No pôrto de Lagos veio ter com êles o marquês de Valença que trazia consigo tôda a armada do Pôrto. Dessa mesma cidade de Lagos embarcaram todos para Alcácer-Seguer no dia 27 de Outubro do ano de 1458; levava el-rei vinte e seis mil homens de guerra e duzentos e oitenta navios, galiões, galeras e outras embarcações de carga e de serviço.

Para aquêles tempos era uma grande armada, e ia bem provida de tudo que era preciso, tanto em armas, artilharias e munições, como em víveres. E os homens eram todos bons guerreiros, valentes e bem ensinados.

Apenas chegaram defronte de Alcácer-Seguer, el-rei mandou desembarcar as tropas. A-pesar-de muito novo ainda, era bom capitão e resoluto. Sabia comandar e era entendido em tôdas as coisas da guerra. Era rápido nas suas ordens e as suas ordens eram acertadas e obedecidas como se quem as dava tivesse mais idade. A sua idea ali era apanhar os moiros de surprêsa e não lhes dar tempo de prepararem a defesa da cidade.

Logo que as trombetas tocaram o sinal do desembarque, foi tal a ânsia com que todos se lançaram aos botes e tal a pressa com que remaram para terra, que ali chegaram em grande confusão. O desejo de todos era tamanho e tal a diligência que nunca se pôde dizer qual fôra o primeiro barco a chegar à praia nem o primeiro homem a pisar terra de África.

Quinhentos cavaleiros moiros bem montados e bem armados, e grande número de homens de guerra a pé, saíram da cidade e vieram ao encontro dos assaltantes; e ali se armou grande batalha onde muitos moiros e portuguezes ficaram mal feridos e outros mortos. Mas os moiros por fim recuaram e fugiram, uns para dentro da cidade, outros para os campos e montanhas que rodeiam Alcácer-Seguer.

Era quási sol-pôsto e a noite não tardaria muito. Mas el-rei não quis saber disso. Galopando no seu cavalo de guerra, ora para um lado ora para outro, dando suas ordens, vigiando as tropas e animando-as, coberto de suor da canseira do combate, ordenou que fôsem trazidas de bordo sem demora as máquinas de guerra para o ataque à cidade. Via como Alcácer-Seguer estava bem defendida e quantas cautelas era preciso tomar. Em tudo el-rei seguia os conselhos de seu tio, o infante Dom Henrique, muito mais acostumado do que êle a batalhar contra moiros e muito conhecedor das fôrças e manhas de tais inimigos.

Entretanto os moiros, vendo o grande perigo que os ameaçava, tratavam de organizar a defesa da cidade. Mas pouco tempo lhes ficou para tais trabalhos porque o desembarque dos nossos era grande e num instante se levantaram as máquinas de guerra defronte das muralhas, e tôdas as tropas foram repar-

tidas cada secção no seu pôsto; e, quando os moiros menos esperavam, ouviram-se as trombetas portuguesas dando o sinal do ataque.

Em pouco tempo, as paliçadas que os moiros tinham erguido em volta das muralhas, foram derrubadas, e isto a-pesar-das panelas cheias de fogo e das balas de artilharia que os moiros atiravam para cima dos nossos soldados.

A grande bravura dos moiros, a valentia e fúria com que defendiam a sua cidade, não lhes serviu de muito. Dom Henrique, seguido pela sua gente, rompendo a paliçada, foi de roldão contra uma das portas da cidade. Mas estas portas eram tôdas chapeadas de ferro e os nossos não puderam arrombá-las; e os moiros defendiam-nas com muitas frechas, pedras e estôpa a arder, que arremeçavam do alto das muralhas.

Este combate durou muito tempo e muitos dos nossos caíram feridos ou mortos. El-rei Dom Afonso, que não esperava tal resistência, começou a encher-se de cólera. Deu ordem para se começar o ataque com as máquinas de guerra e, acompanhado pelo infante Dom Fernando, galopou para o ponto onde o infante Dom Henrique combatia com os seus. Viu que seu tio mandara já encostar as escadas às muralhas e que o ataque já ali principiara a valer. El-rei mandou ordem às trombetas que deram o sinal e logo se desencadeou o ataque em tôda a parte ao mesmo tempo.

Mas o infante Dom Henrique, vendo que desta maneira a batalha custava muitas vidas, mandou colocar uma grossa bombardada defronte de um ponto da muralha onde vira uma fenda e que lhe parecera fraca. Chamando o bombardeiro, recomendou-lhe que carregasse a bombardada o mais que pudesse, à bruta, e explicou-lhe muito bem o que havia de fazer.

O bombardeiro que era homem acostumado a combater com o infante e sabedor do seu ofício, portou-se com tal habilidade que, logo ao primeiro tiro, um pedaço da muralha se desmoronou. Continuando o ataque desta maneira e comandando Dom Henrique as tropas com grande sabedoria e firmeza, em breve os moiros começaram a desanimar; e vendo como os portugueses já iam entrando e batalhando pelas brechas abertas, ganharam medo e começaram a fazer sinais pedindo a paz.

Dom Henrique mandou logo parar o combate; e os moiros mandaram emissários prometendo a entrega da cidade se os portugueses os deixassem partir sem lhes fazerem mal e dando-lhes licença de levarem consigo suas mulheres e seus filhos.

O infante Dom Henrique respondeu:

— El-rei Dom Afonso de Portugal, meu senhor, não veio aqui à procura de riquezas, nem para matar mulheres e crianças, nem para fazer mal a inimigos vencidos. Veio só para serviço de Deus. Por esta razão os moiros de Alcácer-Seguer, entregando a cidade, podem partir em paz; mas deixarão nas nossas mãos todos os cativos cristãos que se encontram dentro destes muros.

Assim acabou esta batalha com muita honra para os portugueses, mas com muitos mortos e feridos de ambas as partes.

Na madrugada do dia seguinte, os moiros saíram da cidade, levando consigo suas mulheres e filhos. Era uma triste procissão que parecia não ter fim.

O infante Dom Fernando, irmão de el-rei, postou-se com as suas tropas

dos dois lados do caminho que os moiros seguiam para as bandas dos montes, lá para o interior das terras, vigiando-os muito bem para que ninguém lhes fizesse mal nem os insultasse e também para que não levassem disfarçado algum dos cativos cristãos que tinham dentro da cidade.

Isto durou desde o romper de alva até ao meio dia. Quando os últimos moiros saíram de Alcácer-Seguer, el-rei Dom Afonso entrou na cidade à testa da sua gente e, em muito boa ordem, dirigiram-se todos para a mesquita principal, que logo foi consagrada e benzida pelos padres e à qual el-rei deu o nome de Nossa Senhora da Conceição. Os religiosos armaram um altar onde el-rei fez suas orações de acção de graças por aquela vitória, no que todos os seus capitães e tropas o acompanharam com muita devoção.

Em seguida el-rei, por sua mão armou cavaleiros muitos dos portugueses que naquele combate, por seu grande valor o tinham merecido; e entregou o comando de Alcácer-Seguer a Dom Duarte de Meneses, filho de Dom Pedro de Meneses que fôra o primeiro capitão de Ceuta.

E assim os portugueses ganharam no norte de África, em Marrocos, duas grandes e importantes cidades que por muitos e muitos anos conservaram com muito trabalho e muita honra: Ceuta e Alcácer-Seguer. Logo el-rei Dom Afonso mandou consertar e fortificar as muralhas desta cidade e a guarneceu da boa artilharia que tinha trazido, e de homens de guerra bem armados para a guardarem e defenderem.

Havia uma outra cidade no norte de África, na costa ocidental; era uma cidade importante e pôrto de muito movimento. Ali armavam os moiros os seus navios e os guarneciam, e mandavam-nos atacar e roubar os cristãos, não só nas suas embarcações, como também nas costas dos seus reinos. Estes piratas assaltavam os barcos de mercadores portugueses e espanhóis, faziam-lhes grande caça e à fôrça, matando os que se não rendiam, filavam a gente que levavam, roubavam as mercadorias e faziam grandes danos. Desembarcavam de surpresa nas praias destes reinos e levavam gente, gado, tudo que podiam roubar, e largavam fogo a casas e searas. A gente que apanhavam, quer fôssem mulheres, homens, crianças, só os largavam depois à fôrça de dinheiro. E êste dinheiro que se empregava para reaver os cativos, chamava-se resgate. A gente que não podia ser resgatada, vendiam-na os moiros como escravos em mercados nem que fôssem gado.

Como estas coisas iam de mal a pior e estes piratas moiros se atreviam a fazer danos cada vez maiores, sobretudo nas costas do Algarve onde vinham a-miúdo, tanto com sentido no lucro que daí tiravam, como também pela raiva que tinham a cristãos, el-rei Dom Afonso V, afrontado com tais abusos, resolveu mandar seu irmão o infante Dom Fernando, atacar esta cidade moira que se chamava Anafé e hoje se chama Casablanca.

Foi no ano de 1468 que o infante Dom Fernando embarcou para esta expedição, à testa de uma boa armada. E de tal maneira se houve nesta batalha mais a gente que levava, que a cidade de Anafé ficou arrasada; e os moiros, bem castigados, nunca mais se puderam servir daquele pôrto para virem fazer mal a cristãos. Mais tarde os portugueses construíram ali uma vila.

Mas el-rei Dom Afonso não estava ainda satisfeito. Tudo quanto fizera em Marrocos, lhe parecia pouco. Atormentava-lhe o pensamento a lembrança do martírio e triste morte que naquelas terras de África padecera seu tio o Infante Santo, e da derrota que os portugueses tinham sofrido em Tânger. Pensava nestas coisas dia e noite e entendia que os moiros ainda não estavam bem castigados dos grandes males e ofensas que tinham feito a portugueses. Dizia de si para si:

— Ceuta, Alcácer-Seguer, Anafé, três cidades moiras com seus portos em mãos portuguesas, é bom princípio; mas não basta. Enquanto não tiver Tânger em meu poder e não tiver ensinado àqueles infiéis o respeito que devem a Portugal, não descanso.

Um dia reuniu o seu Conselho e apresentou a sua idea de ir com uma grande armada, conquistar a cidade de Tânger. Mas os fidalgos do Conselho abanaram as cabeças, sobretudo os mais velhos que eram mais prudentes e ajuizados. Disseram que a conquista daquela cidade se não devia ainda emprender, porque Tânger era muito grande e muito forte; e porque, em Portugal, com as despesas já feitas com as outras guerras de África, não havia bastante dinheiro para expedição tão importante. Mas, depois de muitas discussões, os senhores do Conselho disseram que se el-rei quisesse ir conquistar a cidade de Arzila, isso era coisa que se podia fazer.

Com isto se contentou el-rei. Considerou que Arzila era também uma cidade moira importante, que não ficava longe de Tânger, e que depois dela tomada, as forças dos moiros ficariam muito quebradas e talvez se pudesse então atacar Tânger.

Mandou chamar dois homens em quem tinha muita confiança e que a mereciam e com êles conversou muito tempo em segredo. Era um deles Pero de Alcáçova, seu official das finanças, e o outro Vicente Simões, capitão muito entendido nas coisas do mar e muito conhecedor de toda aquela costa do norte de África.

Quando saíram dos aposentos de el-rei depois daquela grande conversa, abalaram para o Algarve sem darem cavaco a ninguém. No Algarve fretaram uma caravela pequena que carregaram de mercadorias. Vestidos como simples mercadores, largaram pelo mar fora em direitura a Arzila.

Ao chegarem a este pôrto, desembarcaram como gente que lá ia fazer seu negócio e cada um carregado com sua alcofa de figos passados, percorreram as ruas da cidade, os cais, as fortificações, vendendo a sua mercadoria. Assim estudaram à vontade o pôrto e a cidade, qual o sítio mais azado para o desembarque das tropas, quais as defesas da cidade, quais os pontos mais fracos das muralhas, e tudo que era preciso para que o ataque dos portugueses se fizesse em boas condições.

Já se vê, estes dois homens arriscavam assim suas vidas, porque se acontecisse que algum moiro os conhecesse (o que podia muito bem suceder), ou desconfiasse deles e descobrisse aquela manha, não escapariam êles da morte. Mas eram ambos portugueses de lei e pouco se importavam de perder as vidas contanto que servissem bem o seu rei e a sua pátria.

Graças a Deus, deram boa conta do recado; voltaram a salvo com tôdas as informações precisas que el-rei os encarregara de trazer.

Entretanto o príncipe herdeiro Dom João (que veio depois a ser o grande rei Dom João II a quem deram o nome de *Príncipe Perfeito*), que só tinha nesse tempo dezassete anos, amofinava-se todo porque el-rei seu pai não queria levá-lo consigo à conquista de Arzila. E foi ter com um grande e valente fidalgo, Dom Álvaro de Castro, conde de Monsanto, que el-rei tinha em muita conta, e disse-lhe assim:

— Venho pedir-vos, conde, que apresenteis um requerimento meu a el-rei meu pai e senhor, e que lhe apresenteis ao mesmo tempo as vossas razões no mesmo sentido. Quero ir convosco à conquista de Arzila; quero lá mostrar meus merecimentos e ganhar as esporas de cavaleiro com uma espada nas mãos. Pouco mais velhos do que eu eram meus tios Dom Henrique e Dom Pedro quando foram com seu pai à conquista de Ceuta.

Dom Álvaro de Castro disfarçou o sorriso de satisfação que lhe vinha de ver aquêlê ardor do príncipe.

— Meu senhor, — disse êle, — sois o príncipe herdeiro e filho único de el-rei. Como poderá vosso pai arriscar ao mesmo tempo a sua vida e a vossa? Se qualquer desgraça acontecesse, ficaria o reino sem rei para o governar...

Mas o príncipe pôs-lhe a mão no ombro.

— Conde, — respondeu êle, — essas coisas estão na mão de Deus e tanto posso morrer de doença na cama, como num campo de batalha. Escutai: o meu desejo de tomar parte nesta batalha contra os infiéis é tamanho, que, se el-rei me não fizer a vontade, ou a minha pena tão grande me causará doença grave, ou irei ter a Arzila, sôzinho e seja como fôr, batalharei escondido, como um simples soldado.

O conde fêz-lhe ver tôdas as razões contrárias àquêlê desejo, mas não conseguiu demovê-lo do seu propósito; e a tudo o príncipe dava respostas tão acertadas e firmes que Dom Álvaro por fim, cheio de admiração ao ver coração tão ajuizado e forte em corpo de tão poucos anos, acabou por lhe prometer que falaria a el-rei.

Cumpriu a sua promessa. E tão bem e com tal empenho falou a el-rei, que êste deu ao príncipe a licença tão ardentemente desejada.

Arzila era uma cidade importante naquele tempo. Tinha muito valentes fortificações e lindos edifícios, palácios ricos com seus jardins, e mesquitas muito de admirar. Havia lá boas escolas e sábios afamados, e a sua fidalguia era da melhor em tôda a moirama. Os seus cavaleiros eram conhecidos pela nobreza e bravura de seus corações e muito entendidos na arte da guerra.

Em volta da cidade os campos eram frescos e de muito boa terra, estavam bem cultivados e davam pão, hortaliças e frutas com fartura.

El-rei Dom Afonso V de Portugal chegou com sua poderosa armada de frente do pôrto de Arzila, ao cair da noite. Deu ordem para que tudo estivesse pronto para se atacar a cidade na manhã seguinte; e, chamando Dom Álvaro de Castro, conde de Monsanto, e Dom José Coutinho, conde de Marialva, e disse-lhes que os tinha escolhido para serem os primeiros a desembarcar no



dia seguinte, ao romper de alva, com boa gente dos seus. Isto era uma grande honra que el-rei fazia a estes dois fidalgos e ficaram ambos muito contentes.

— Logo a seguir, — disse el-rei, — desembarcarei eu com o príncipe e a nossa gente, e as coisas precisas para o cerco e assalto da cidade. Assim, desde o primeiro dia Arzila ficará cercada; nenhum socorro lhe poderá vir de fora e ninguém de lá poderá sair.

Os dois condes eram homens ainda novos; a-pesar disso a fama da sua bravura e da nobreza dos seus corações era grande. Tinham tôda a confiança de el-rei e mereciam-na; e a amizade e o respeito de seus iguais e de seus servidores.

Durante a noite armou-se um grande temporal; e ao romper de alva o mar estava levantado e o vento bravo. A-pesar disso os dois condes com todos os homens que tinham escolhido, embarcaram em botes, brigantins e outras embarcações e remaram para terra. Mas nem a grande força nem a coragem e teimosia das suas vontades, conseguiram vencer a loucura do mar. Quando cuidavam avançar, a ressaca arrastava-os para o largo; e as ondas andavam tão revoltas e o vento era tão rijo, que por muitas vezes as embarcações andaram para naufragar.

Vendo el-rei este perigo, resolveu não esperar mais e descendo com o príncipe para um brigantim, mandou embarcar as suas tropas e remar para terra. Dos outros navios, os capitães e gente de armas que presenciam este acto de bravura de el-rei que, assim entregava sua vida e a do príncipe nas mãos de Deus, não quiseram saber de mais nada; atiraram-se aos botes e cada qual remou para terra.

O mar bravo coalhou-se de embarcações que ali andaram em redemoinhos à vontade das vagas, da ressaca e da ventania, como Deus quis; e o perigo era tão medonho que uma galera e mais outros barcos se afundaram e ali morreram afogados mais de duzentos homens. Isto não desanimou os que andavam lutando contra as ondas; e tal era a vontade e a fúria dos que remavam e dos que os ajudavam, que finalmente alcançaram a praia. E, louvado Deus! os dois primeiros a saltar em terra foram os dois condes.

Apenas desembarcou, el-rei mandou armar seu acampamento, defendendo-o com trincheiras o melhor que pôde, porque os madeiros para as estacadas ainda não tinham chegado de bordo por causa da braveza do mar.

Os moiros viam tôdas estas coisas lá do alto das muralhas da cidade. Estavam sossegados da sua vida; cuidavam que os portugueses não poderiam vencer o temporal. De modo que quando êles desembarcaram, os moiros não se tinham preparado para os atacar. Não se importaram. A cidade estava bem defendida; armas não faltavam nem bons cavaleiros e boa gente de guerra, como depois se viu. Diziam uns para os outros:

— Os cristãos venceram o mar e estão agora na praia. Deixá-los estar. Quando virem que não podem entrar na cidade, ir-se-ão embora. Defendamos bem as muralhas que nem um dos que estão na praia será capaz de cá entrar.

Antes dos portugueses desembarcarem tinham os moiros de Arzila mandado um dos seus a cavalo por aquelas serras, prevenir o seu Governador Muley-Xeque, que andava em guerra com o rei de Fêz. E esperavam que

Muley-Xeque ao saber do ataque dos portugueses viria com sua gente a mata cavalos, para os socorrer.

A tempestade durou tanto e tão bravia, que a gente de bordo não foi capaz de desembarcar as peças pesadas das máquinas de guerra, e só vieram ter a terra duas bombardas grossas. Mas el-rei que era rápido no seu pensar e nos seus actos e sabia que na guerra não prestam as hesitações, não quis esperar e deu ordem de se começar o assalto sem demora.

Ao cabo de três dias de batalha, as bombardas conseguiram abrir duas brechas nas muralhas. E o ânimo dos portugueses era coisa de espantar. Pelas escadas subiam formigueiros de homens; se uns eram derrubados, os outros continuavam a subir como se nada fôsse. El-rei não parava; onde o perigo era maior, lá estava êle, animando os homens, dando-lhes o exemplo da sua bravura. E o príncipe não lhe ficava atrás. A-pesar-dos seus poucos anos ninguém o viu assustar-se ou furtar-se aos perigos.

Quando os moiros viram as brechas abertas nas muralhas, começaram a inquietar-se e não faziam senão olhar para ao longe na esperança de verem aparecer os cavaleiros de Muley-Xeque. Mas só viam campos desertos.

No quinto dia de manhã, Dom Álvaro de Castro enxergou no alto das muralhas de frente do seu sector onde a batalha comandada por êle fôra terrível para os moiros,— uma bandeira branca içada em sinal de paz. Dom Álvaro mandou parar o combate e logo os moiros lhe mandaram um mensageiro. E o mensageiro disse que o alcalde de Arzila pedia pazes e que entregaria a cidade.

Dom Álvaro de Castro enviou logo um cavaleiro a galope levar esta notícia a el-rei; e el-rei respondeu dizendo a Dom Álvaro que desse tôdas as garantias de segurança ao alcalde para que êste lhe viesse falar.

Mas enquanto se trocavam estes recados, aconteceu que alguns capitães portugueses, ardendo em desejos de batalhar e ansiosos de glória, começaram a desconfiar que Arzila caíria sem mais combate. Descontentes com a idea de alcançarem a cidade moira com pouco trabalho, não esperaram novas ordens e, tirando-se dos seus cuidados, atiraram-se com as suas tropas contra aquelas brechas abertas pelas bombardas nas muralhas.

Os moiros acudiram logo em grande tropel e vozearia, a defenderem aquêle ponto fraco; mas os portugueses que já tinham decidido morrer ali ou vencer, continuaram a combater como leões. Assim, jogando mil vezes a vida foram entrando na cidade por aquêlas estreitas e perigosas aberturas; e atrás deles as suas tropas, não sem grandes perdas de vidas e muitíssimo sangue derramado.

Tendo notícia do que se passava, el-rei partiu a galope mais o príncipe para aquêle ponto onde a batalha era bravia. E vindo que as brechas abertas nas muralhas eram estreitas e não deixavam passar tanta gente quanta era precisa, e ouvindo dentro da cidade grande barulho de armas e gritos, que mostrava o perigo em que os nossos andavam, logo el-rei mandou trazer ali muitas escadas. Por elas subiu um ror de gente cheia de coragem e decidida a vencer. A defesa dos moiros no alto das muralhas, não lhes serviu de nada; os portugueses subiam pelas escadas e entornavam-se para dentro da cidade de tal modo que ninguém os podia tolher.

Daí a pouco um magote dos nossos conseguiu aproximar-se das portas da banda de dentro e logo as abriu a-pesar-da resistência desesperada dos moiros.

Então el-rei Dom Afonso e o príncipe Dom João entraram na cidade de Arzila com tôda a sua gente. Havia ainda muito que fazer; os moiros defendiam-se como homens desesperados; e aí se viu a bravura de el-rei e do príncipe que batalharam como bons cavaleiros dando grandes exemplos e animando todos os seus.

Isto durou muito tempo, mas por fim os moiros esmoreceram, começaram a recuar e acabaram por fugir para dentro da mesquita e do castelo que estava muito bem fortificado.

El-rei vendo a quantidade de mortos e prisioneiros moiros e que na cidade já não havia mais resistência, mandou Dom Álvaro de Castro com os seus guardar o castelo, e mandou Dom José Coutinho guardar a mesquita. Assim os dois condes com sua gente ficaram à sua conta com os dois postos de maior perigo e de maior honra, prontos a atacar os dois últimos redutos dos moiros apenas el-rei mandasse. E el-rei ajoelhando no chão rodeado dos seus cavaleiros e soldados, deu graças a Deus daquele tão bom princípio de vitória.

Erguendo-se, depois desta oração, deu el-rei ordem de se atacar primeiro a mesquita. Mas as portas eram tão rijas que não houve machado ou fogo que entrasse com elas. Veio então uma máquina de guerra a que chamavam *ariete* ou *vai-vem*, e que era um grande madeiro suspenso num cavalete e com uma ponta de ferro. Uns poucos de homens davam o balanço e empurravam o madeiro; a ponta de ferro batia contra a porta e a fôrça era tamanha que nada lhe resistia.

Apenas as portas da mesquita foram assim arrombadas, os portugueses entraram de roldão e seguiu-se uma batalha medonha e, se muitos moiros morreram, muitos dos nossos também ali perderam a vida.

Por fim a mesquita foi conquistada pelos portugueses. Os prisioneiros moiros foram logo mandados para o acampamento e muito bem guardados. Os nossos não deixavam de os admirar ao verem como homens já vencidos, lutavam até ao fim com tamanha coragem.

Mas a tomada da grande mesquita de Arzila tinha custado aos portugueses um preço alto. Dom José Coutinho, conde de Marialva, ali jazia morto com o corpo cravejado de gloriosas feridas. Assim a grande alegria desta vitória assombreira-se para el-rei e para todos os portugueses, com a dor de tão grande perda.

Mandou logo el-rei limpar e consagrar e benzer a mesquita, fazendo dela uma igreja cristã. E os padres e frades ali armaram um altar com sua cruz e, defronte dele estenderam num ataúde o corpo do conde de Marialva.

Emquanto os religiosos resavam pela alma daquele nobre cavaleiro, el-rei ordenou o ataque ao castelo. Faltava agora só o castelo para a vitória ser completa e Arzila cair de todo em poder dos portugueses. E el-rei tinha pressa. Receava que chegassem reforços moiros de fora antes dele ter tido tempo de organizar a defesa da cidade.

Os portugueses, animados pelas palavras e pelo exemplo de el-rei, levaram quantas escadas havia e encostaram-nas aos muros do castelo. Por ela subiram

tantos ao mesmo tempo, com tal repente e tal fúria, que os moiros não lhes puderam resistir e fugiram para as tôrres. Mas os portugueses seguiram-nos de perto. As portas das tôrres eram estreitas e, na confusão e ímpeto com que fugiam, poucos moiros lá puderam entrar; e os que entraram, vendo que os portugueses vinham embrulhados com os moiros, fecharam as portas da parte de dentro.

Então os moiros que assim ficaram de fora, voltaram-se contra os portugueses numa grande raiva e armou-se ali uma batalha terrível. De tal maneira que confundidos e emmaranhados uns nos outros, cristãos e infiéis naquele ardor do combate corpo a corpo, escorregavam e rolavam pelas escadas das muralhas e vinham cair cá em baixo no pátio do castelo. Ai a carnificina foi tal, de parte a parte, que o chão estava juncado de mortos e feridos.

No meio de tôda aquela barafunda alguns dos nossos conseguiram abrir de dentro as portas do castelo; el-rei e o príncipe entraram então e não lhes faltou trabalho, que a batalha ainda durou, desesperada, muito tempo. E alguns cavaleiros feridos arrastavam-se e vinham morrer aos pés de el-rei, contentes de assim darem a vida por êle.

Quem esteve naquela batalha e dela escapou com vida, nunca mais pôde esquecer as proezas que nesse dia fêz Dom Álvaro de Castro. Coisas de espantar. Parecia estar em tôda a parte ao mesmo tempo e aquela espada onde quer que aparecesse era como um flagelo de Deus. Acabada a luta no pátio e a batalha vencida, um capitão moiro que ainda estava no alto de uma tôrre começou a insultar Dom Álvaro de Castro e desafiou-o a ir lá acima bater-se com êle. Dom Álvaro, enfurecido com aquêlê atrevimento e sem pensar no perigo, encostou uma escada à tôrre e por ela subiu correndo, para castigar o moiro insolente. Mas êste, manhoso e traiçoeiro, não esperou que o conde galgasse as ameias. Apenas o capacete do valente fidalgo assomou no alto da tôrre, o moiro ergueu a espada com as mãos ambas e, de um golpe certo, cortou-lhe a cabeça. E aquela cabeça tão linda e, momentos antes, tão resplandecente de bravura e de nobres pensamentos, caiu cá em baixo no pátio, aos pés de el-rei, como uma pedra.

Como Dom José Coutinho, conde de Marialva morreu durante o ataque à mesquita, assim nesse mesmo dia morreu Dom Álvaro de Castro, conde de Monsanto, durante o ataque ao castelo. A conquista da cidade de Arzila custava ao reino de Portugal a vida dos seus dois mais nobres cavaleiros, dos seus dois melhores, mais valentes e leais defensores.

Assim a cidade de Arzila foi conquistada aos moiros por el-rei Dom Afonso V de Portugal. Nesta batalha morreram dois mil moiros e cinco mil ficaram prisioneiros. Dos nossos que por lá ficaram cobertos de sangue e de glória, não se sabe a conta.

Depois da vitória completa, el-rei entrou na mesquita já mudada em igreja cristã; e, defronte do altar e do ataúde onde jazia o conde de Marialva, el-rei com grande solenidade armou cavaleiro seu filho, o príncipe Dom João. E disse-lhe assim:

— Meu filho, Deus queira que vós sejais sempre um tão bom cavaleiro

como o foi Dom José Coutinho, conde de Marialva, cujo corpo vêdes aqui cheio de feridas que recebeu ao serviço de Deus e ao nosso.

E, depois disto, el-rei e o príncipe armaram cavaleiros muitos dos seus servidores que bem o tinham merecido naquela grande e gloriosa batalha.

Muley-Xeque, Governador de Arzila, que andava longe em guerras contra o rei de Fêz, quando soube do ataque dos portugueses à sua cidade, veio a tôda a pressa com grande acompanhamento de cavaleiros, para a socorrer. Mas ainda vinha de caminho quando lhe chegou a notícia da vitória dos nossos e da perda de Arzila. Pensando no poder dos portugueses e na guerra em que andava no reino de Fêz, entendeu que era melhor deixar as coisas como estavam, e mandou emissários a el-rei Dom Afonso pedindo-lhe paz e amizade. Então fêz-se um acôrdo entre Muley-Xeque e el-rei Dom Afonso, onde ficou assente que Ceuta, Alcácer-Seguer, Arzila, com seus campos e aldeias ficavam pertencendo ao reino de Portugal e obrigadas a pagar tributo ao nosso rei.

Quando os habitantes de Tânger tiveram conhecimento de tôdas estas coisas, ficaram muito aflitos. Bem viam agora que não podiam esperar socorro de Muley-Xeque; e os portugueses, já senhores de três grandes cidades moiras tão perto de Tânger, não lhes dariam agora sossêgo, nem êles podiam esperar vencê-los. Lembavam-se do que os portugueses tinham sofrido defronte daquela cidade de Tânger; lembravam-se de que fôra ali que os moiros tinham tomado o Infante Santo e que ali começara o seu martírio. E a gente de Tânger bem sabia que os portugueses não podiam esquecer nem perdoar estas coisas. Diziam assim:

— Se a gente aqui se deixa ficar, os portugueses virão em breve atacar-nos; e arrasarão esta cidade como arrasaram Anafé, para se vingarem do que aqui passaram. Vamos fugir enquanto é tempo, que assim ao menos salvaremos nossas vidas e o mais que pudermos dos nossos bens.

Assim fizeram. Com tôda a cautela e grande segredo, juntaram cada qual o que possuía, carregaram bestas e camelos, e abalaram para o interior daquelas terras à procura de melhor sítio onde pudessem viver. Mas não se atreveram a lançar fogo à cidade receando que o fumo e as chamas fôsem vistos pelos portugueses e que estes acudissem logo e dando pela fuga, fôsem sobre eles e os matassem.

A cidade de Tânger era muito grande, muito bem fortificada e rica. Havia grandes e boas escolas e os fidalgos viviam com muito esplendor. Numerosos barcos juncavam o pôrto e o comércio era grande e próspero. Os cavaleiros e homens de guerra eram afamados. Tânger era a mais poderosa cidade moira da costa africana do Norte. E esta cidade, pela qual os portugueses tinham sofrido tanto e que não tinham podido conquistar, agora despovoava-se, a tremer de medo, diante deles. Assim vão as coisas dêste mundo, e a sorte ora se ilumina ora escurece para todos, como o dia e a noite.

Vieram dizer a el-rei Dom Afonso, em Arzila, que os moiros de Tânger, com medo dele e das suas tropas, tinham abandonado a cidade. E êle mandou logo Dom João, filho do duque de Bragança, seu primo, tomar posse da cidade,

com bom acompanhamento de cavaleiros e infantaria. E el-rei em pessoa entrou em Tânger quatro dias depois de ter tomado Arzila.

Acharam a cidade vazia que os moiros tinham levado tudo. Mas o casario estava todo de pé e as esplêndidas fortificações. El-rei mandou fechar as portas e lá deixou muito boa artilharia, armas e boa guarnição militar para defender a cidade, como fizera em Arzila.

Quando el-rei e o príncipe chegaram a Lisboa com a sua armada triunfante, depois de tão notável expedição, foram recebidos com procissões, festas e alegrias de todo o povo, que duraram muitos dias.

Por estas conquistas, ficou el-rei Dom Afonso V chamado o *Africano*; e foi êle o primeiro rei que usou o título de: *Afonso, pela graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África*.

Dêste modo principiou o poder dos portugueses no Norte de África. Ceuta, Alcácer-Seguer, Anafé (hoje Casablanca), Azamor, Safi, tôdas as cidades e portos importantes de Marrocos, foram nossos; e, indo para o interior, chegamos até Marrakech.

Durante duzentos anos conservaram os portugueses o seu poder nesta parte de África; mas à custa de quantos sacrifícios, de quantos heroísmos!

Os moiros nunca lhes davam descanso. A traição atacavam as cidades e as fortalezas; embuscavam-se e caíam de surpresa sobre os portugueses que andavam nos campos. Vinham surratemente de noite queimar-lhes as searas, roubar-lhes o gado, matar-lhes as sentinelas. Armavam cercos às cidades.

Era para os nossos capitães e para a sua gente uma existência de sobresalto, sem sossego nem de dia nem de noite, com a vida em perigo, a cada hora. Mas nunca os nossos homens fraquejaram. Aprendiam a defender-se daqueles inimigos traiçoeiros que pareciam estar em tôda a parte ao mesmo tempo; aprendiam a atacá-los. Faziam coisas de tal arrôjo e atrevimento, que acabavam por perder o mêdo à morte.

Isto durava anos para cada um daqueles homens das nossas guarnições, quer fôsem fidalgos ou simples gente de armas. E quando dali saíam, tinham-se tornado soldados como não havia outros no mundo. Naquele inferno se formavam os portugueses que depois foram para a Índia e por êsse mundo fora, à conquista de terras e mares desconhecidos, abrindo caminhos por onde nenhum cristão tinha passado antes deles, jogando a vida como quem joga dados e rindo-se da morte.

Quem hoje percorrer essa terra da África do Norte, por onde se estendeu a ocupação portuguesa, ainda lá verá, restos de muralhas, de fortalezas, de igrejas, que os nossos construíram ao preço de muito trabalho, de muitos esforços, de muitas vidas. E em algumas dessas velhas pedras, nem o tempo, nem as obras dos que vieram depois de nós, apagaram ainda as quinas do brasão português.

**A SEGUIR:**

**HISTÓRIA DO GRANDE MARINHEIRO  
QUE O MAR ENFEITIÇOU**

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu:  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

A SEGUIR:

HISTORIA DO GRANDE MARINHEIRO  
LUIZ EDUARDO

**S. P. N.**

